

**O PRECONCEITO LINGUÍSTICO
DE UM GRUPO DE MORADORES
DA COMUNIDADE VILA OPERÁRIA DO PALHETA**

Denise Ramos Cardoso (UFPA)

dcardoso2005@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem por objetivo refletir a cerca do preconceito linguístico na comunidade “Vila Operária do Palheta”, localizada no município de Muaná (Marajó). O mesmo aborda o contexto histórico do preconceito linguístico e suas relações entre língua e sociedade, numa visão heterogênea, que busca combater a mitologia do preconceito linguístico, que prejudica a sociedade, problematizando o ensino do português no Brasil, sendo vinculado ao círculo vicioso, que são transmitidos em grau maior ou menor em nossa sociedade. Viabilizando a busca de soluções ao combate do preconceito linguístico na referida comunidade.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Língua. Sociedade. Mitologia.

1. Introdução

A história já provou que a língua é instrumento de poder em diversos aspectos, entre outros exemplos, temos desde a bíblica história da Torre de Babel, na qual, para mostrar seu poder, Deus mistura os idiomas para que os povos não mais se entendessem impossibilitando a construção da torre. Na história das colonizações, como a do Brasil, aos povos dominados é imposta a língua do dominador, em resumo, as línguas humanas são mais do que instrumentos de comunicação, são, além disso, “reflexo da cultura de um povo”, “mecanismos de identidade”. (SCHERRE, 2005, p. 10)

Não há sociedade sem linguagem, tal como não há sociedade sem comunicação. Tudo que se produz como linguagem tem lugar na troca social para ser comunicado. Assim sendo, quando nos referimos à linguagem e sociedade forma um conjunto perfeito, já que estão em harmonia permanente, sendo impossível conceber uma sem a outra.

Da mesma maneira que um país apresenta sua língua oficial, assim também, os grupos sociais expressam-se por meio de diferentes níveis de linguagem, mesmo que a língua oficial seja considerada única dentro dos limites geográficos. Tal variação se faz presente nas línguas em geral, cria os dialetos regionais, sociais e os registros, havendo mu-

danças bastante significativas, razão porque, para cada grupo haverá sempre um falar característico mesmo que a língua oficial seja única e que exista uma norma culta para a qual normalmente se voltam todas as atenções, já que ela significa prestígios e represente um fato de engrandecimento sociocultural.

Partindo desse patamar que se faz presente nas comunidades linguísticas e pelo fato das mesmas sofrerem com essa variação, isso nos fez optar por essa esfera que é o preconceito linguístico, que já perdura por séculos, tal preconceito tem raízes antigas e bem atuais. Desde os tempos do Império Romano já era observada e nomeada “errada” a heterogeneidade na fala das pessoas. O fato da língua latina se tornar internacional e expandir-se por todo o Império, levou os gregos a julgarem-se superiores, menosprezando os estrangeiros que não falavam a língua latina. Por esse motivo a língua desses povos estrangeiros passou a ser considerada inferior “errada”.

Diante disso, a heterogeneidade linguística é vista na relação com o social e frente a sua própria subjetividade, o sujeito é livre para escolher e adequar-se as várias situações de uso da língua. As diversidades, coletivas ou individuais, são formas de identificação dos “membros de uma nação, ligados por traços socioculturais, econômicos e políticos, tradicionalmente firmados, identificam-se e distinguem-se dos membros de outra pelo seu instrumento de comunicação”. (CAMACHO, 1988, p. 29)

Estudos revelam que na atualidade não se deve mais estudar verdadeiramente a língua sem que levasse em consideração a sociedade em que a mesma é falada e foi com tal pensamento que nos encaminhamos a uma comunidade de falantes da linguagem não padrão. Além disso, é de suma importância conhecer as diferentes variedades linguísticas, para que não fiquemos sem compreender o sentido das mensagens linguísticas proferidas por nós. E acima de tudo não julgar o modo de falar do próximo e muito menos incitar o preconceito linguístico.

Segundo essa vertente, esse artigo tem por objetivo investigar a fala de um grupo de ribeirinhos moradores no município de Muaná, na localidade “Vila Operária do Palheta”. E a partir dessa investigação, refletir e conscientizar os membros dessa comunidade pelo respeito com a fala desses ribeirinhos, que por mais que seja diferente, fazem parte da diversidade cultural de nossa sociedade.

Pensar na erradicação do preconceito linguístico seria uma utopia, no entanto, não seria ilusão buscarmos amenizá-lo. Para que isso aconte-

ça faz-se necessário uma proposta de conscientização, a cerca da variação linguística nessa comunidade.

2. O contexto histórico do preconceito linguístico

Por volta do século II a.c. já era perceptível a noção de erro no que concerne a língua. Na Antiguidade, a língua latina tornou-se o idioma internacional e expandiu-se por todo o império, com isso os gregos passaram a “rotular” de bárbaros todos os indivíduos estrangeiros que não usavam esse idioma como língua materna, tal característica de superioridade cultural denomina-se etnocentrismo, ou seja, trata-se de uma “tendência de se pensar que a própria cultura, os próprios valores, o próprio idioma são modernos para todos os outros povos”, de acordo com Bueno (2008), em seu artigo “Origem Curiosa das Palavras”. Reforçando essa ideia Soares afirma que:

Somente o etnocentrismo pode explicar a avaliação de culturas como “inferiores” cumplicidade ou logicidade, isso explica o fato de os gregos se considerarem superiores, e assim menosprezarem os povos estrangeiros que possuíam culturas diferentes. (SOARES, 2006, p. 39)

Pode-se afirmar a partir do que foi visto acima que esse conceito errôneo vem se infiltrando em nossa sociedade há tempos remotos, daí tudo explica a origem do preconceito, o qual inferioriza a cultura de alguns povos e os fazem serem vítimas de tal discriminação.

Quando se faz uma análise mais detalhada do ponto de vista social, seja da Antiguidade ou na atualidade, percebemos que há uma transferência daquilo que a sociedade acusa a pessoa de ser para a “língua” que ela fala. Então, se a pessoa é pobre a “língua” dela é pobre, se a pessoa vive numa região atrasada a “língua” dela vai ser considerada atrasada, mas se o indivíduo pertencer a uma classe dominante a língua deste será considerada de prestígio na sociedade. São essas as tramas perversas do preconceito linguístico que se observa desde a antiguidade da civilização humana.

3. Relação entre língua e sociedade

Vivemos em uma sociedade heterogênea. Por isso, seria natural esperarmos diversidades. Diversidade de raça, cor, religião, sexo e principalmente linguística. Não seria sábio esperar que milhões de brasileiros (190 milhões) com situações sociais econômicas diferentes, culturas dis-

tintas, as quais foram influenciadas por diferentes imigrantes, falassem da mesma forma.

Essa realidade, porém, não é aceita pela maioria da sociedade especialmente pelos falantes “cultos” da língua (gramáticos, jornalistas, e até professores). Surge então o preconceito linguístico, responsável pela exclusão e discriminação de pessoas que muitas vezes já estão afastados da sociedade e de outros grupos sociais, principalmente num país como o nosso. De acordo com Bagno:

Todo falante nativo de uma língua, capaz de discernir intuitivamente a gramaticalidade ou agramaticalidade de um enunciado, isto é, se um enunciado obedece ou não às regras de funcionamento da língua. Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erro ao andar ou respirar. (BAGNO, 2007, p. 113)

Assim todo falante, já traz consigo uma bagagem linguística, porque foi assim que aprendeu a interagir em seu meio social, não importando o falar culto da língua, pelo fato que, da maneira que se expressa, consegue transmitir suas ideias, seus valores. Por isso não precisa falar bonito para que vença na vida e sim seus esforços como pessoa e cidadão na construção de um mundo melhor.

3.1. Preconceito linguístico

A língua é uma faculdade sociolinguística da espécie humana, ela está intrinsecamente veiculada a nossa cognição e a nossa vida social.

E são precisamente os processos sociolinguísticos que levam as línguas a grandes transformações.

A variação linguística é decorrente de poderosos fatores cognitivos que atuam no processamento da linguagem em nossos cérebros. Há também fatores de ordem fonológica, como a organização do nosso aparelho fonador (língua, cordas vocais, dentes, palatos, laringe, faringe etc.) que atua inconscientemente sobre a produção sonora da língua. Elas são faladas por sociedades heterogêneas, cada uma das diferentes comunidades de fala vai ser portadora de diferentes maneiras de falar a língua, maneiras que recebiam antigamente o nome de dialetos que hoje preferimos chamar de variedades linguísticas.

Nossa população socioeconômica mais privilegiada não faz da leitura um de seus hábitos culturais mais frequentes, além disso, o ensino

tradicional linguístico do indivíduo, deixa-se expressar-se livremente para somente depois corrigir sua fala ou sua escrita.

Existe atualmente uma crise no ensino da língua portuguesa, porque sentem falta de outros instrumentos didáticos que possam não substituir, mas pelo menos complementar criticamente quem acredita e defende que as variedades urbanas de prestígios devem construir o objeto de Ensino aprendizagem nas escolas.

Entretanto o preconceito do qual tanto falamos está ligado a confusão criada entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão, porque a gramática normativa não é a língua, mas só uma descrição parcial dela. Essa descrição tem seu valor e seus méritos, mas não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua. É essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva impera na ideologia geradora do preconceito linguístico, é um dos muitos mecanismos de exclusão social em nosso País.

4. Mitologia do preconceito linguístico

A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente.

Este é o maior e o mais sério dos muitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Ele está tão arraigado em nossa cultura que até mesmo intelectuais de renome, pessoas de visão crítica e geralmente boa observadoras dos fenômenos sociais brasileiros, se deixam enganar por ele.

Esse mito é prejudicial à educação, porque ao não reconhecer a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor a sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os milhões de brasileiros, independente de sua idade, de sua origem geográfica de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc.

No Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não só por causa da grande extensão do país que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito, mas principalmente por causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distri-

buição de renda em todo o mundo. São essas graves diferenças de status sociais que explicam a existência, em nosso país, de um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não padrão do português brasileiro – que são a maioria de nossa população – e os falantes da (suposta) variedade culta, que é a língua ensinada na escola.

A educação ainda é privilégio de poucas pessoas em nosso país, uma gigantesca quantidade de brasileiros sem língua. Se formos acreditar no mito da língua única existem milhões de pessoas neste país que não tem acesso a essa língua, que é a norma literária culta, empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder. São os sem língua que falam uma variedade do português não padrão, com sua gramática particular, que, no entanto, não é conhecida como válida, que é desprestigiada ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão, por isso podemos chamá-los de sem língua.

Muitas vezes os falantes das variedades desprestigiadas deixam de usufruir diversos serviços a quem têm direitos simplesmente por não compreenderem a língua empregada pelos órgãos públicos. Como diz Gnerre (1995) em seu livro “linguagem escrita e poder”.

A constituição afirma que todos os indivíduos são iguais perante a lei, mas essa mesma lei é rígida numa língua que só uma parcela pequena de brasileiros consegue entender. A discriminação social começa já no texto da Constituição Porque na realidade há contraste, pois não é bem assim que acontece, principalmente no que diz respeito a linguagem. (GNERRE, 1995, p. 21)

Existe algo de concreto na afirmação de Gnerre, pelo fato que na constituição vemos apenas o abstrato, enquanto que na realidade é totalmente diferente. É claro que ele não está querendo dizer que na constituição devia estar escrita em língua não padrão, mas que todos os brasileiros a que ela se refere, deveriam ter acesso mais amplo e democrático à língua padrão.

Outros mitos existentes, com base ao preconceito são:

- Brasileiro não sabe português / só em Portugal se fala bem português.
- Português é muito difícil.
- As pessoas sem instrução falam tudo errado.
- O lugar onde se fala melhor português é no Maranhão.
- O certo é falar assim porque se escreve assim.

- É preciso saber gramática para falar e escrever bem.
- O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.

Percebe-se que os mitos acima, são responsáveis pelas ideologias errôneas criadas por pessoas preconceituosas, ignorantes, que não têm conhecimento, com o dinamismo da língua e tão pouco pela diversidade encontrada no território brasileiro. Esse desconhecimento causa restrição por parte do falante culto, levando-o a todo esse preconceito.

5. O ensino do português no Brasil

A grande problemática é que depois de mais de cento e setenta anos de independência política, continuamos com os olhos voltados para a norma linguística de Portugal. As regras gramaticais consideradas “certas” são aquelas usadas pelos falantes “cultos” de lá, que servem para a língua falada lá, que retratam o funcionamento da língua que os portugueses falam. É a concepção que impera. Sacconi:

A lua é mais pequena que a terra. Eis aí uma frase corretíssima que muitos imaginam o contrário. Mais pequena é a expressão legítima, usada por todos os portugueses, que usam, menor quando se trata de ideia de qualidade, poeta menor, escritor menor. (SACCONI, 1998, p. 64)

A fundamentação acima tem lógica pelo fato de que maior e menor se tratam de adjetivos que indica tamanho e não qualidade de um indivíduo.

O preconceito linguístico contra o português brasileiro chega às vezes a assumir formas grotescas para não dizer escandalosas. É o caso do seguinte texto publicado no jornal correio brasiliense.

O correio brasiliense passa a publicar a partir de hoje, uma seção de crítica ao idioma português falado e escrito por autoridades brasileiras em discurso, entrevistas e documentos. A seção vai se chamar “A última do português e não deve ser entendida como uma alusão aos nossos irmãos do além-mar, que falam o idioma melhor que os brasileiros”. (*Correio Brasileiro*, 19 de fevereiro de 1995)

O comentário acima fere intensivamente o português brasileiro, pois não passa de uma crítica preconceituosa contra as autoridades. Estas e outras críticas se fazem comum em nosso dia a dia, expressadas por indivíduo mal preparado linguisticamente.

6. O círculo vicioso do preconceito linguístico

Os mitos apresentados neste artigo são transmitidos e perpetuados em nossa sociedade, cada um deles em grau maior ou menor por um mecanismo que podemos chamar de círculo vicioso do preconceito. Sendo formado pela união de três elementos que são: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos.

Como forma-se esse círculo vicioso?

Apresenta-se da seguinte forma. A gramática tradicional inspira a prática de ensino, por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores – fechando o círculo – recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua.

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1997), reconhecem que existe.

Muito preconceito do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e quando são, são objetos de avaliação negativa. (*Parâmetros Curriculares Nacionais*, 1997, p. 21)

Para cumprir bem a função de ensinar à escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos principalmente o de que existe uma forma “correta” de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a outra, ou de que a fala “correta” é a que se aproxima da língua escrita, ou que brasileiro fala mal o português, e que português é uma língua difícil o outro é que precisa “consultar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado.

Todas essas crenças que são transmitidas para a sociedade, são insustentáveis, produzindo uma prática de mutilação cultural. Por isso às escolas que são instituições que tentam combater vários tipos de preconceitos e tentam resgatar às diversidades culturais, devem ser a base, ou seja, o caminho para a desconstrução do preconceito, que vem afetando nossa sociedade.

As observações do *locus* pesquisado realizaram-se na comunidade “Vila Operária do Palheta”, localizada às margens da baía do Marajó no município de Muaná, zona rural.

A comunidade analisada é uma das variadas ilhas da região do Marajó, no município de Muaná, conhecida como “Vila Operária do Palheta”. Nessa vila moram 20 famílias, de descendência quilombola, onde

possui um chalé de arquitetura portuguesa. Ela foi fundada em 5 de setembro de 1965. Segundo as pessoas que conheceram bem o lugar, contam que foi plantado o primeiro pé de café do estado do Pará, e que era muito movimentado, por que na época havia serraria, refinaria de açúcar, e o cultivo de várias plantações.

Atualmente a base da economia é voltada para a pesca e cultivo do açaí. Na mesma possui uma escola que funciona com educação infantil, fundamental e ensino médio. A igreja de Nossa Senhora da Penha, cuja festividade é comemorada em agosto, possui também um posto de saúde, para atender os ribeirinhos.

A pesquisa foi realizada com cinco (05) informantes do público alvo masculino e feminino com idade de 50 a 70 anos os quais não tiveram acesso a escola, nem oportunidade de estudar. Por esse motivo serve de chacota e crítica para os demais que tem acesso a escola. Para cada investigado foi aplicado um questionário contendo cinco (05) perguntas que são:

- 1- Qual seu nome e sua idade?
- 2- Há quanto tempo mora na localidade?
- 3- Antigamente como era aqui na Vila Palheta?
- 4- Quais serviços ofereciam aos ribeirinhos?
- 5- Conte um fato ocorrido que marcou sua vida?

6.1. Respectivas respostas dos informantes

a) Informante 01

Meu nome é Benedito Oliveira, tenho 70 anos, mouro nesta localidade mas de 60 anos. Cande chiguei tinha mas família, dispus furam imhora. Mais aqui era muito bunitu, muita fartura di alimentu. Tinha um barracão que as pisua si hospidava, ofricia muito mas trabalhos nu ruçada, ondi prantava arrus, milho, fijão. Tinha tumbém sirraria, refinaria, fáblica de parmito, tiração de garapa.

O fato que aconteceu fui cande viajei par tirá madêra imTucartis, intão passei muitas difircudade.

b) Informante 02

Sou Francisca Conceição, 70 anos, naci aqui, vivú nessi lugá toda minha vida. Aqui era muito mas bunitu, tinha um ingenu de açúcar, cachaça. Dispus acabou tudu. Mais aqui já fui muito bunitu.

Nós trabalhava nu canaviar, na fablica de parmitu, cirraria, tira ação de madêra nu mato. O fatu que aconteceu foi candu perdi meu maridu e minha filha, que murreu juven.

c) Informante 03

Sou Maria Marquês, tenho 70 anos, nasci aqui e sinrpe vivi aqui. Aqui era muito bunitu, tinha muitas gente, casas, iscula com duas sala de aula, mais era pequena. Eu trabalhava na cana, cirraria, ingenu di açúcar, tiração de madêra, no parmitu. Aqui tinha um lugá gande que vindia tudus tipos de alimentu.

O fatu qui aconteceu qui marcô a minha vida, foi candu foi chamada prá trabalha na iscola de selventi.

d) Informante 04

Sou Manoel Oliveira, tenho 69 anos, moru 56 ano nesta lualidade. Aqui era uma Vila, que tinha indústra, fazia cachaça, açúcar, arcool, o pessuá se mantinhu do selviçu do ruçado, outru trabalhavu no ingenu, fáblica de parmitu. Nessa épua não podia pesca, caçá e nem vende nada na bêra do rio, mais as pessoa deixava as canoa cercada pela madêra, que ficava na praia. Mais nesse lugá tinha husina, fábrica de sabão, cacau, milho, arrus, cana-de-açúcar, armazém que vindia tudo: tecidos e produto alimentícios.

Os trabalhos que ofereciam era agricultura: arrus, milho, cana, cacau, limpeza de ruçado, tudo era manual. Tinha os serviços da serraria de fita, tudu rápido. O rolo da praia era puchado nu guindaste, tinha caldeira para gerar prersão e dar força no motor. Outros serviços era fábrica de parmito e a produção era tirada da fábrica, tinha mas de 100 funcionários.

Essa fábrica durou dois anu, daí passou tudo, a empresa faliu da ilha.

O qui marcô a minha vida, aconteceu muitas coisa, principarmente a morte de um jovem no local de trabalho, que a cerra abriu no meio, um acidente comigo qui quebrou a minha mão, minha perna que peldí. Tudu isso no trabalho, mais cunseguí sobrevivê.

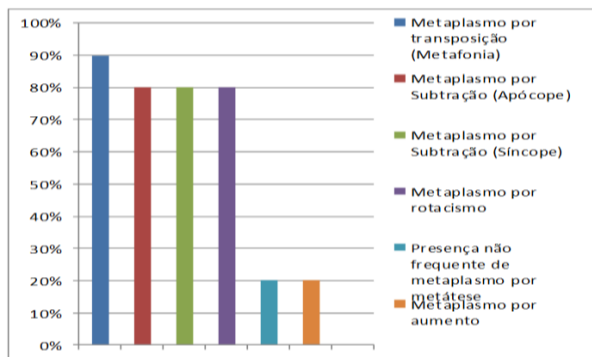
e) Informante 05

Sou Elza Maria Oliveira, tenho 57 anos e nunca estudei. Aqui murei até os 9 ano de idade. Aqui tinha a iscola era ampla, de madêra e não tinha calor, dispus a iscola passou a ser numa sede ondi tinha umas 4 sala e funcionava

com 2 horário, de manhã e tarde. A sede ficava e resta só as ruína dessa indústria.

O fato que marcou minha vida foi quando a serra partiu no meio um rapaz, outro perdeu o braço e mas um senhor que foi eloclutado. Esses fatu abalô muito essa lualidade.

6.2. Análise e descrição dos dados dos aspectos do nível fonético



Percebe-se que os pontos mais comuns, apresentados em todas as entrevistas, referem-se aos processos fonológicos, os quais interferem nos aspectos semânticos e morfossintáticos. Observa-se que nas informações houve forte presença de metaplasmos que segundo a revista *Socio-dialeto*.

"São modificações fonéticas que sofrem às palavras na sua evolução. Os fonemas constituem o material sonoro da língua e este material está como tudo o mais, sujeito às leis fatais das transformações". (*Web-Revista Sociodialeto*, n. 6, p. 4, 2012)

As palavras sofrem variações, de acordo com os falantes da língua obedecendo a certo nível classificatório como: sexo, idade, escolaridade, nível social. Assim surgem as transformações da língua.

Devido a todos esses fatores, a coleta dos dados analisadas no gráfico acima apresenta 100% de variações ao usarem indevidamente os fonemas, com isso o surgimento dos metaplasmos e de outros fenômenos do nível morfossintático.

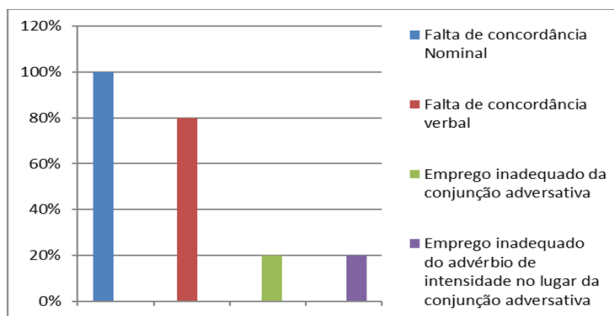
De acordo com o gráfico 90% apresenta metaplasmo por transposição (metafonia) que segundo Botelho e Isabelle Lins (2012, p. 85). Es-

se fenômeno acontece uma alteração no timbre ou altura de uma vogal. Ex.: moru, nista, lualidade, chiguei, furam, imhora, muito, bunitu, di, alimentu, pissua, si, hospidaria, oferecia, nu, ruçado, ondi, tumbém, sirra-ria, fui, em, tucantis, intão, vivu, tuda, tudu, murreu, juvem, sinrpe, anus, ingenu, di, parmitu, vindia, bucado, épua, podia. No mesmo gráfico, sendo apresentado na percentagem de 80%, mostra-se outro fenômeno denominado metaplasmo por subtração (apócope) que na visão dos mes-mos autores, suprime os fonemas nos finais dos vocábulos, Ex.: fazê, lu-gá, pescá, caçá, tirá, vendê, abalô, peldí, trabalhá, sobrevivê.

Outro fenômeno que apresenta um percentual de 80% temos a (síncope), que também é um (metaplasmo por subtração) e que acontece a supressão de fonemas ao meio do vocábulo. Ex.: madêra, fijão, difer-cidade, gande, candu, fabica, naci, sinrpe, depus, bêra. Ocorrendo assim com a mesma percentagem (80%) temos o metaplasmo por rotacismo, que segundo os autores são as alterações ou transformações de um fone-ma por outro. Ex.: temos (l) por (r) premitiu, princirparmente, prantação, locar, persuar, canaviar. Por lambdacismo que é a transformação do fo-nema (r) por (l). Ex.: selventi, fablica, blaço, eloclutado, selviçu, peldí.

Em uma escala mais baixa de 20% presença não frequente de me-taplasmo por metátese que é a transposição de um fonema em uma mes-ma sílaba de um vocábulo. Ex.: açúcra, dispus, par, lugá, sinrpe. Na mesma percentagem de 20% apareceu o metaplasmo por aumento (epên-tese) que é o aparecimento do fonema no meio do vocábulo. Ex.: dis-pus,tucartins, indusistria, princirparmente.

6.3. Análise e descrição dos dados dos aspectos do nível morfos-sintático



Nesse nível, não poderia ser diferente as variações, que correspondem a concordância nominal e verbal, pois segundo o conceito Chomskyano de competência, a linguagem foi produzida por um falante nativo da língua, que tem conhecimento das regras básicas das variedades e dos estilos dessa língua que compõem o seu repertório.

De acordo com o gráfico, podemos perceber que em todas as falas dos informantes, ou seja, 100% apresentou falta de concordância nominal nas sentenças. Ex.: duas sala, as pessoa, uns ingenu, muro 56 ano, os serviço, dois horário, dessas indústria, esses fato, produtos alimentícios, muitas, diferacidade, muito trabalhos, muitas gente, tudustipus de alimentu, muitas coisa, até os 9 ano de idade, as pessoa, produto alimentícios, as pessoa deixava as canoa, as ruína, muitas gente.

Na concordância verbal 80% dos informantes apresentaram variações, como temos nos exemplos: ofiricia trabalhos, prantava arrus, milho, fijão, bucadotrabalhavu nu ruçado, aconteceu muitas coisas, as pessoa-deixavu as canua, nós trabalhava, vindiatudus, ofereciam aglicultura. Na percentagem de 20% emprego inadequado da conjunção adversativa no lugar do advérbio de intensidade. Ex.: mura nistalucalidade mas de 60 ano, Tinha mas família, ofiricia muito mas trabalho, era muito mas bunitu, tinha mas 4 sala, mas o senhor que foi eloclutado.

Em uma escala mais baixa temos 20% emprego inadequado do advérbio de intensidade no lugar da conjunção adversativa. Ex.: mais as pessoas deixava as canoa cercada pela madêra, maisnesselugá havia husina, mais era piquena, mais passei muita diferacadadi pá estuá, mais conseguísobrevivê.

Conforme os resultados das pesquisas já eram esperados, porque o ato da fala se diferencia da escrita, isso porque quando falamos, a fala soa com mais descontração. E é por esses fatores que se multiplicam determinados processos fonológicos que são responsáveis pelos metaplasmos e outros fenômenos morfossintáticos que são representados através da fala.

Outro fator que influencia para o aparecimento desses processos, foi o distanciamento que os informantes tiveram do não acesso a uma educação formal, muitas das vezes por falta de oportunidade e até mesmo da carência de instituições de Ensino na época. Porém isso não impediu que os entrevistados tivessem uma interação conosco, nem que entendêsemos a sua linguagem.

Por isso nos convém ressaltar que sem comunicação, cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo, não importa a maneira como se expressem, porque é dessa forma que compartilham experiências, ideias e sentimentos. E juntos modificam a realidade onde estão inseridos.

7. *Considerações finais*

As questões sociolinguísticas encerram um valor muito importante para entendimento do fenômeno linguagem, isso porque muitos aspectos linguísticos só podem ser justificados se considerarmos a natureza social da linguagem. Somente através da sociolinguística podemos entender os níveis de linguagem e avaliá-las sem preconceito ou qualquer outra atividade que atinja o maior poder da palavra, a sua força comunicativa.

Talvez um dos problemas que decorram desse fato seja a questão da linguagem oral quando se espera que ela deve na medida do possível refletir a forma padrão ou formal. Entretanto é muito frequente que nem sempre isso ocorra principalmente nos grupos sociais que não tiveram acesso ao estudo dessa língua padrão. Daí porque acontecem os deslizes gramaticais no ato da fala.

Possivelmente isso ocorra pelo fato de que a língua seja um produto de múltiplos fatores, e que serve como instrumento a diferentes usuários, cada um deles carregando consigo uma carga socioeconômica cultural bastante expressiva e que reflete situações diversificadas. Jamais poderemos esperar que seja um bloco monolítico e projetar uma só realidade.

É preciso, portanto, que as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da unidade do Português do Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão. Visto que seja reconhecida e aceita a existência de muitas normas linguísticas diferentes. É fundamental para que o ensino de nossa escola seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade do Português não-padrão.

Nesse caso convém conciliar as duas formas de linguagem, pois são fenômenos que ocorrem em nossa sociedade, e que ambas ocupam

um papel de extrema importância em nossas vidas. Por isso devemos aceitá-las sem demonstrar nenhum tipo de preconceito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: que é, como se faz*. São Paulo. Loyola 1995.

_____. *Não é errado falar assim*. Em defesa do português brasileiro. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2010

_____. *Nada na língua é por acaso: Por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa* 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 1997, vol. 2.

CAMACHO, R., G. A variação linguística. In: _____. *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus*. São Paulo, SE/CENP, 1988, vol. 3, p. 29-41.

FIORIN, José Luiz. (Org.). *Introdução a linguística: objetos teóricos*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GNERRE, Maurizio: *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

SACCONI, Luiz Antonio. *Não erre mais!* 23. ed. São Paulo: Atual, 1998.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 2006.